

O museólogo como profissional da informação em Santa Catarina¹

Hermes José Graipel Junior (UFSC)
Miriam Vieira da Cunha(UFSC)

Resumo: Este estudo objetivou identificar o perfil do profissional atuante em museus do Estado de Santa Catarina. A pesquisa realizada é quantitativa. Utilizou a técnica de análise do conteúdo de Bardin (2004). O instrumento de coleta de dados foi o questionário. Foi feito um levantamento do perfil do profissional, da instituição museal a que está ligado o profissional, sua formação acadêmica, as atividades consideradas mais importantes, e a necessidade da educação continuada. Este é um profissional predominantemente do sexo feminino, com mais de quarenta anos, com mais de dez anos na profissão, que trabalha em sua maioria em instituições públicas, ligadas à prefeituras municipais ou à instituições de ensino superior. Desenvolve atividades tradicionais, mas tem conhecimento das transformações ocorridas nas últimas décadas e busca atualizar-se através de cursos de curta duração. A formação destes profissionais é principalmente em Ciências Humanas.

Palavras-chave: Profissional da Informação. Museólogo. Perfil Profissional.

Abstract: The objective of this quantitative study is to identify the profile of the professional curators that work in the state of Santa Catarina's museums. Bardin's (2004) technique of content analysis was utilized throughout the study. Data collection was done by means of a questionnaire. A survey was made of the professional profile, including the museum institute where the attendant is employed, their formal education, activities that they considered most important and the necessity of continued education. This is a profession that is composed of predominately females over the age of forty, with more than ten years working in the profession, the majority working in public institutions that are associated with city governments or institutions of higher education. The persons survey typically develop traditional activities but have knowledge of transformations that have occurred in the recent decades and seek to bring themselves up to date through short duration courses. These professionals have principally studied Human Sciences during their university studies.

Keywords: Information Professional. Curator. Professional Profile.

¹ Comunicação oral apresentada ao GT-6 - Informação, Educação e Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

No imaginário coletivo, a instituição museu possui uma conotação que remete a um lugar onde se guardam objetos antigos. Não raro, caracteriza-se o museu como sendo o depósito de “velharias”, ou ainda, de objetos que possuem um valor monetário – quadros, esculturas, desenhos entre outros – negociáveis através de compras e leilões. Muitas vezes os museus são relacionados a objetos que pertenceram a pessoas públicas de “relevante notoriedade” – adquirindo uma importância que está além do objeto, diretamente relacionada aos feitos desta pessoa. O museu também é visto como um lugar do “exótico”, do raro, do inaudito.

Contrapondo-se ao senso comum, o museu tem, em sua ação, o referencial do objeto enquanto possibilidade de vetor do complexo social. Seu campo de atuação também diz respeito à memória. O objeto no museu é tratado como suporte informacional, como meio para a construção de um processo cognitivo.

O museu é um espaço de inter-relações entre o homem, o objeto e a memória. Neste sentido, é necessário observar duas questões, quais sejam: em primeiro lugar, a memória deve ser compreendida como uma relação do presente, no presente. E em segundo lugar, o papel do profissional que atua em museus como profissional de informação. Assim, a memória não está depositada no objeto (seja ele musealizado ou não), mas sim na relação que com ele podemos manter. Coelho (1997, p. 250) alerta para esta questão:

No limite, inexiste um tempo atual que não se relate com (ou integre) um tempo passado, e vice versa. Isto significa, em outras palavras, que a memória participa da natureza do imaginário como um conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano.

O objeto no museu é um documento, pois a partir dele se produz conhecimento; nesta perspectiva o museu é entendido como unidade de informação (1). Neste sentido, a atuação do profissional que atua em museus estaria centrada na intermediação entre as fontes e os usuários. Além disso, o papel desse profissional deveria ser repensado, pois sua atuação não deve ser restrita ao cuidado do objeto, mas a seu tratamento enquanto suporte informacional.

Em geral, o museólogo é aquele que zela pelo acervo, pelo seu acondicionamento, catalogação e exposição. Chagas (1996) afirma ser essa a visão tradicional do profissional que atua em museus. Além dessas atribuições, este profissional deve estar preocupado com a coleção da informação e sua disseminação.

Neste sentido esta pesquisa pretendeu responder às seguintes questões: qual o perfil do profissional que atua nos museus do Estado de Santa Catarina? Estes profissionais buscam educação continuada?

A partir destas considerações teve como objetivo geral: identificar o perfil do profissional atuante nos museus do Estado de Santa Catarina. Seus objetivos específicos foram: conhecer a formação do profissional atuante em museus no Estado de Santa Catarina e descrever as atividades desenvolvidas por este profissional.

2 TRABALHO E PROFISSÃO

O termo trabalho tem sua origem na palavra do latim vulgar *tripaliare* (FERREIRA, 2004, p.1970) como sinônimo de um instrumento utilizado para tortura. O termo labor também remete a esforço, sofrimento, dor e fadiga (BUSSARELLO, 1988, p.131). Em ambos os casos, percebe-se a ação humana a fim de alcançar um objetivo com esforço – seja com o *tripaliare*, instrumento utilizado para separar o cereal de sua casca ou com o labor, que exige esforço físico para realizar uma atividade.

A organização da vida na cidade, segundo Le Goff (2003) nos séculos XI e XII na Europa, exigia uma divisão do trabalho para atender às mais variadas demandas. Temos, então, o surgimento de ocupações como: sapateiro, tecelão, ferreiro, comerciante e marceneiro, entre outras, organizadas em grêmios que dão condições para o exercício de suas atividades. Segundo Le Goff (2003, p. 29) com o crescimento das cidades na Europa medieval, o fenômeno da divisão do trabalho permite o aparecimento do intelectual:

Foi com o desenvolvimento urbano ligado às funções comercial e industrial – digamos modestamente artesanais – que ele apareceu, como um desses homens de ofício que se instalavam nas cidades nas quais se impôs uma divisão do trabalho.

Esse novo operário do saber tem como função professar o conhecimento – não só o saber teológico – mas a compreensão do mundo à sua volta a partir da observação empírica voltada ao conhecimento clássico.

O aparecimento da cidade que possibilitou a divisão do trabalho e o surgimento do intelectual traz consigo um novo fazer: o do conhecimento. Como afirma Le Goff (2003, p.9-10): “A separação entre escolas monásticas, reservadas aos futuros monges, e a escola urbana, em princípio, aberta a todos, sem exclusão dos estudantes que permanecerão leigos, é fundamental.” Com isso, surge uma nova forma de trabalho, um trabalhador que ensinará a outros, não mais ligado ao saber eclesiástico.

O novo trabalhador, ou como denomina Le Goff (2003) o “novo intelectual” destaca-se por se apresentar como elemento de uma nova classe, ou seja, embrião de uma profissão.

O termo profissão é oriundo do latim *professio* e tem o sentido de declarar publicamente, ou ainda, professar algo que se tenha conhecimento (BUSSARELLO, 1988, p.182). Esta palavra está associada à capacidade de executar com conhecimento um serviço, uma tarefa, um trabalho, enfim uma atividade que exige um saber específico.

A idéia de trabalho profissional é originária, segundo Freidson (1998, p.51), da Idade Média: “como todos nós sabemos, as universidades medievais da Europa fizeram proliferar as três primeiras profissões liberais: a medicina, a advocacia e o clero (do qual fazia parte o corpo docente universitário).” Le Goff (2003) e Freidson (1998) afirmam que o profissional é aquele que possui um conhecimento que o diferencia dos demais trabalhadores. Seu aprendizado especializado é oriundo de uma formação escolar de nível superior.

A idéia de profissão está associada à toda atividade econômica. Independente de possuir ou não uma formação superior, o termo profissional no senso comum refere-se a todo o indivíduo que possui uma atividade rentável. Com a Revolução Industrial, e consequentemente com a consolidação do capitalismo, a emergência do capital traz a necessidade de qualificar o trabalho. Visto como gerador de riqueza, ele deve atender à demanda criada pelo capital em suas várias formas de atuação. Segundo Freidson (1998, p.51), as profissões são:

[...] um amplo estrato de ocupações prestigiosas, mas muito variadas, cujos membros tiveram todos algum tipo de educação superior e são identificados mais por sua condição de educação do que por suas habilidades ocupacionais específicas.

Podemos perceber que Freidson (1998) aponta as seguintes características das profissões: um corpo de conhecimento especializado e abstrato adquirido através de formação superior; autonomia no exercício das atividades; capacidade de auto regulamentação e autoridade sobre as tarefas executadas em relação ao público.

3 MUSEUS E BIBLIOTECAS: um pouco de história

Nascido para a contemplação dos deuses e como local de fuga do cotidiano, o museu passou, ao longo da história, por mudanças radicais. Suano (1986) relata que no século II antes de Cristo a instituição museu era responsável pelo saber enciclopédico.

Em Alexandria, Museu e biblioteca confundem-se na mesma função: difundir a informação. Um complementava o outro; livros e objetos dividiam o mesmo espaço.

Com o fim do Império Romano e a ascensão do Cristianismo estes espaços foram separados: o Museu passou a ser o lugar do objeto, a biblioteca o lugar do livro.

O entendimento das duas instituições, museu e biblioteca, terão, no período medieval, uma nova interpretação. Dois momentos são cruciais para a nova idéia de biblioteca. O primeiro foi o surgimento das universidades.

Outro fato determinante para que o livro se torne popular, foi a invenção da tipografia que possibilitou o aumento do número de exemplares, com a edição em grande escala. Segundo Gontijo (2004, p.167), “[...] quando foi possível mecanizar esse processo através da imprensa e produzir em série, o livro tornou-se portátil e o saber extrapolou os limites dos mosteiros, feudos e nações.” Neste sentido, o aumento da demanda provocada pelas universidades e a difusão da informação através do livro impresso acabou com o monopólio da Igreja como guardião do conhecimento.

Enquanto a biblioteca tem um papel importante na difusão do conhecimento, e está atrelada a instituições de ensino como as universidades, surge o fenômeno do colecionismo como herdeiro da idéia de museu. (SUANO1986)

Caldeira (1998, p.398) afirma que “[...] na segunda metade do século 15 [...] o termo museu começa a ser usado para designar uma coleção de objetos considerados belos e valorizados comercialmente”.

É interessante observar que museus, galerias e gabinetes, abrigavam objetos que possuíam um valor e que denotavam a importância e a riqueza de seu proprietário. Suano (1986, p.22) percebe a transformação do museu como propriedade privada, no período da Contra Reforma Protestante: “nos tempos modernos, foi o papado, que não escapara ao colecionismo do período, que pela primeira vez abriu suas coleções ao público em 1471, num *antiquarium* organizado pelo papa Pio VI”.

Nos meados do século XV, o museu passa a ter uma função além da guarda de objetos. Caldeira (1998, p. 398), afirma ser na modernidade que aconteceu o impulso à criação de novos museus, sobretudo com as doações de coleções.

A Revolução Francesa, e sua luta por princípios democráticos, marcaram a instituição museu, dando a ela uma nova fronteira. O museu não mais é, neste momento, visto como gabinete de exposições, do exótico e do incomum; tem agora uma proposta política de consolidação dos ideários da Revolução burguesa, adquirindo um papel voltado à educação e às necessidades do Estado Nacional então emergente.

A primeira instituição brasileira, gênese do museu foi a “Casa dos Pássaros”. Esta Casa foi precursora do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MACHADO, 2005, p.138). Esse primeiro núcleo museal atendia aos interesses portugueses, que pretendiam enviar aos gabinetes de curiosidades todo o tipo de objetos relacionados à Colônia, exemplares da fauna, da flora, minerais e também objetos de origem indígena.

Os museus brasileiros tiveram, no século XIX, seu apogeu. Santos (1996, p. 180), observa ser essa tendência uma necessidade de reordenar a cultura e a ideologia burguesa, reforçando a idéia do Estado nacional.

Datam deste período os museus: Nacional (1808), do Exército (1864), Paraense Emilio Goeldi (1866), da Marinha (1868), Paranaense (1876), Paulista (1894), e do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (1894).

A Proclamação da República do Brasil, não altera a percepção do museu como instrumento voltado à consolidação do conceito de nação. Machado (2005, p.140), referindo-se à segunda década do século XIX, constata ser esse período o de criação dos museus históricos: “a visão sobre os museus históricos é formulada pela elite e norteada por uma perspectiva tradicionalista e patriótica que se propunha a especificar e qualificar a memória nacional.”

No Estado de Santa Catarina, o primeiro museu data de 1949. O Museu de Arte Moderna de Santa Catarina surge no bojo do movimento de um grupo de intelectuais intitulados O Grupo Sul (JUNKES, 1982). Este Grupo, foi influenciado pelas idéias da Semana de Arte Moderna ocorrida em São Paulo em 1922. Segundo Corrêa (2005, p. 331) “em consequência da exposição, em 1949 foi criado o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, que, posteriormente passou a ser chamado Museu de Arte de Santa Catarina”.

4 O MUSEÓLOGO COMO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

Embora se compreenda o termo profissional da informação de maneira singular (como se houvesse um único profissional atuante na área), essa atividade, refere-se a várias profissões. Segundo Cunha & Crivellari (2004, p.46):

Existe sim, um grupo grande e heterogêneo de profissionais que podem ser qualificados como tais. O espectro de funções que eles exercem e as suas habilidades são tão diversificadas que é difícil colocá-los em um mesmo ‘guarda-chuva’, tornando-se, a denominação ‘profissionais da informação’ uma rubrica vaga, conveniente, que pressupõe um conjunto de categorias profissionais e ignora as suas diferenças de orientação, de formação básica e das atividades por eles exercidas.

Tradicionalmente o bibliotecário, o arquivista e o museólogo são considerados profissionais da informação. Esta visão está caracterizada pela sua atuação em unidades de informação.

Com relação ao museólogo, sua atuação em museus, está ligada à compreensão da relação entre o homem e o objeto. Nesta equação, a intermediação do museólogo se dá na lógica do objeto como suporte informacional, indo além da concepção tradicional.

O fato de trabalhar com objetos é o que caracteriza a atuação do profissional em museus, ou ainda, o que se chama de fato museológico, ou a relação entre o homem e o objeto. Segundo Russio (1984, p.60), “[...] uma relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, testemunho da realidade. Uma realidade da qual o homem também participa e sobre a qual ele tem o poder de agir, de exercer a sua ação modificadora”.

As atividades dos Museus tradicionais, e consequentemente a atuação do profissional que ali trabalha, centram-se na aquisição, documentação, acondicionamento e restauro do acervo. Esta característica - atuação centrada no acervo – sofre hoje uma nova leitura que amplia a atuação deste profissional, que deve dominar as atividades tradicionais, bem como entender o objeto enquanto suporte de informação. Segundo Bruno (1995, p.51):

[...] os museus, estabelecidos tradicionalmente a partir de coleções, devem contar com profissionais aptos ao desempenho dessas tarefas, ou seja: compreender que o objeto é um suporte de informação e por isso ele deve ser preservado ao lado de outros meios de informação.

As mudanças na formação deste profissional, segundo Chagas (1996, p.119), são uma exigência do seu trabalho:

[...] formar novos profissionais, para os quais o importante não é o objeto, e sim a interpretação das relações entre o homem/sujeito e o objeto/bem cultural, bem como a orientação vetorial dos compromissos assumidos (com a vida e não com a morte). É provável que este seja o profissional que desde 1972, a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile, esteja sendo buscado para a América Latina.

Uma reunião realizada em 1972, denominada Mesa Redonda de Santiago do Chile, organizada pelo ICOM-UNESCO, discutiu a função social do museu e sua atuação no mundo globalizado, introduzindo uma nova idéia de museu como uma instituição com responsabilidade social que deve interagir com a comunidade na qual está inserida. (CHAGAS, 1996). Discutiu ainda o perfil do profissional que atua em museus tradicionais e as funções de coleta, conservação e guarda de objetos representativos da ação humana – levando a pensar o museu “[...] não apenas como repositório de coleções do passado, mas que a sua ação tem que ver com a contemporaneidade.” (CORDOVIL, 1993, p.19). Tal evento enfatizou a necessidade deste profissional ser um “investigador”, um “interlocutor” da realidade. Cordovil (1993, p.24) aponta que:

[...] o museólogo do novo Museu é um profissional de tipo novo, que, além do domínio das áreas tradicionais da museologia (que me parecem não devem ser esquecidas), tem de ser capaz de detectar e gerir os problemas com que se defronta a comunidade, de responder a solicitações variadas que vão das questões culturais às sócio-econômicas e políticas.

Neste sentido, a concepção deste profissional como síndico de museus não corresponde mais às exigências da sociedade global. Bruno (2000, p. 85) afirma que a formação na área de Museologia deve buscar “[...] a preparação de profissionais críticos e capazes de atuar co-

mo mediadores” e afirma a necessidade de serem “[...] conscientes de que esta ação de mediação contribui para a construção dos valores sociais e para a estruturação da herança cultural.”

Sendo o profissional que atua em Museus o agente da relação homem/sujeito que vê no objeto um vetor para a compreensão da sociedade e o museu o espaço físico de atuação deste profissional, podemos concluir que o trato com o objeto (geração, disseminação, catalogação e conservação do acervo) caracteriza o museólogo como profissional da informação.

Smit (2000) define o museólogo, o arquivista e o bibliotecário, como as “3 Marias”. Referindo-se à atividade desenvolvida por estes profissionais, bem como, ao espaço ocupado por eles, afirma:

Reconhece-se que a atividade profissional das 3 Marias é exercida num ambiente que não prescinde do acervo (por mais que o mesmo não precise estar localizado num único lugar, suporte ou código: os registros podem estar dispersos, serem digitais, etc), mas modernamente a ênfase recai sobre a função social (ou utilização social) que é feita desses acervos. (SMIT, 2000, p. 122)

Esta autora analisa, ainda, a atuação desses profissionais, partindo do pressuposto que a informação independe do suporte. Ou seja, a categoria do documento não é o que caracteriza o fazer do profissional da informação.

Arquivos, Bibliotecas e Museus, têm como objetivo disponibilizar informação. Embora, as “3 Marias” tenham no suporte a diferença de sua atuação. Smit (2000) e Carvalho (2002) apontam para a questão do profissional da informação – independente da organização – como o mediador entre o acervo e o usuário.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

A elaboração do conhecimento científico é um processo de reflexão, norteando a atividade teórico-prática do fazer cotidiano. Este pensar busca desvendar a realidade trazendo novas formas de entendimento da práxis.

Esta pesquisa - do ponto de vista da análise dos dados e demonstração dos resultados - adota uma abordagem quanti-qualitativa. Os dados foram coletados a partir do envio de questionários. O questionário se ajusta a este tipo de pesquisa por ser um instrumento útil na captação de coleta de dados, pois é formado a partir de uma série de perguntas que coletam as informações descritivas e comportamentais da população alvo.

Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin, que segundo esta autora (2004, p.37) é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Na utilização desta técnica deve-se delimitar os pontos de inferência que sejam alvo de identificação da comunicação, elaborar as variáveis analisadas e identificar a presença ou a ausência das citações, verificando seu sentido no contexto dado. A inferência é uma operação lógica pela qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições aceitas como verdadeiras. Estas inferências podem ser obtidas por meio de dados qualitativos ou quantitativos.

Segundo Bardin (2004), a análise de conteúdo tem as seguintes etapas:

- descrição das peculiaridades do documento;
- processo de tratamento dos dados através da inferência e interpretação;
- análise dos dados.

Este tipo de análise permite inferir o que se deseja comunicar, na ação escrita ou falada. A partir desse exercício pode-se identificar a presença ou a ausência das citações, seu contexto ou sentido.

O público pesquisado foi selecionado a partir dos seguintes critérios:

- possuir nível superior, caracterizando assim o profissional, segundo Freidson (1998);
- trabalhar diretamente com a prática museal;
- atuar no Estado de Santa Catarina.

Para a análise e interpretação dos dados, foi definida uma grade de análise, cujas variáveis são: idade, sexo; formação, instituição, tempo de atuação na Instituição, atividades e fontes de informação utilizadas.

As informações referentes aos museus selecionados foram obtidas através do Guia de Museus de Santa Catarina (2001), da Fundação Catarinense de Cultura. Os museus foram selecionados a partir do critério de representatividade de todas as regiões do Estado de Santa Catarina. Além disso, foi levado em conta o fato do museu possuir em seu quadro um profissional de nível superior trabalhando em tempo integral.

A tipologia de museus utilizada nesta pesquisa foi a de Caldeira (1998, p.400) que os distingue em: Museus de arte, Museus históricos, Museus de Ciência, Museus especializados e Museus ao ar livre. Além das categorias apontadas por Caldeira (1998), acrescentamos os museus vinculados a instituições de ensino superior – ou museus universitários – não obedecendo ao critério do acervo para sua caracterização, mas entendidos, conforme Cabral (2002, p. 33), como um museu que deveria apoiar-se no tripé que norteia a universidade: pesquisa, ensino e extensão.

A caracterização das atividades dos profissionais foi fundamentada naquelas descritas na Lei 7.827, de dezoito de dezembro de 1984. (BRASIL, 1984). No questionário enviado aos

profissionais atuantes em museus, foi solicitado ao respondente que classificasse as atividades museais pelos seu grau de importância.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados analisados referem-se às respostas de 33 profissionais que trabalham em museus de Santa Catarina, totalizando 91,67% dos questionários enviados.

De acordo com os dados obtidos, 79% dos profissionais são do sexo feminino, e 21,21% do sexo masculino. Fonseca et. al (2005), chamam a atenção para uma maior participação do sexo feminino entre os profissionais da informação.

Entre os profissionais pesquisados, 57,58% têm apenas graduação; 33,33% têm especialização e 6,06 mestrado. Apenas 3,03% têm Doutorado.

A maioria dos profissionais, (66,67%) que atuam nos museus catarinenses, têm formação em Ciências Humanas (2). A formação em História corresponde a 30,30% dos respondentes. É necessário esclarecer que 36,36% dos Museus cujos profissionais responderam à pesquisa são Históricos; além disso, 18,19% são Municipais, que têm por objetivo disseminar a história do município, o que explica, o número elevado de profissionais com formação em História entre os respondentes.

Nenhum dos respondentes tem graduação em Museologia. É necessário lembrar que existem apenas 2 cursos de Museologia reconhecidos, neste nível no país, o da Universidade Federal da Bahia e o da UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. (ABECIN, 2008)

A especialização em Museologia foi feita por 21,21% dos respondentes. A Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC- ofereceu cursos deste nível em 2001 e 2002. Este curso não foi mais oferecido em razão da pouca procura por parte de profissionais atuantes em museus. (UDESC, 2006). Além disso, a Universidade de São Paulo oferece, desde 1998, uma especialização em Museologia. (BRUNO, 1995). Um dos respondentes fez este curso.

Os entrevistados que têm mestrado em Museologia, somam 6,07%. Todos fizeram esta formação no exterior. Cabe salientar que, no Brasil, o primeiro Mestrado em Museologia, aprovado em 2006 pela Capes, é oferecido pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. (UNIRIO, 2006).

Os profissionais que responderam à pesquisa trabalham em museus de vários tipos. Os museus históricos representam a maioria no universo desta pesquisa, (36,36%). Segundo Caldeira (1998, p. 401) este tipo de museus são instituições em que as coleções “[...] são concebidas e apresentadas numa perspectiva histórica”.

Os Museus Municipais representam, nesta pesquisa, 19% do total,. Têm sua caracterização na formação histórica do município. Esta perspectiva histórica, apontada por Caldeira (1998) vem atrelada a uma concepção de formação do Estado Nacional. Neste mesmo sentido Machado (2005) percebe a proliferação dos museus históricos como uma ação política. Segundo a autora “o surgimento de museus históricos, atrelados às conveniências políticas, foi uma constante na formação cultural brasileira”. (MACHADO, 2005, p.137)

Os Museus Universitários representaram 15,5% do universo da pesquisa. Este tipo de Museu muitas vezes, é confundido com a história da Universidade na qual está inserido.

As transformações constantes no mundo do trabalho, exigem um processo contínuo de busca do conhecimento. O profissional não é mais visto como formado; ao contrário, necessi-

ta de educação ao longo da sua vida. Segundo Collares et al. (1999), no processo de educação continuada “(...) trata-se de estar sempre a atualizar os sujeitos, informando-os sobre novos descobrimentos da ciência e suas consequências para a ação no mundo do trabalho (...). (COLLARES et al., 1999, p.13).

Com relação à educação continuada (3), 39,39% não fizeram nenhuma formação nos últimos 5 anos. Entre os que fizeram esta formação 60% a realizaram no NEMU – Núcleo de Estudos Museológicos da Universidade Federal de Santa Catarina. As atividades de educação continuada dos outros 39,39% foram realizadas em diversas entidades brasileiras como o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A **Avaliação da qualidade da informação do acervo**, foi citada por 82,14%, dos entrevistados, como a mais importante.

Chagas (1996, p.46) discute a utilização do acervo como suporte de informação. Segundo este autor “é pela comunicação homem-bem cultural preservado que a condição de documento emerge”. Ainda, de acordo com este autor, a preservação do acervo, possibilita a sua utilização como suporte informacional.

A **identificação, classificação e cadastramento de bens culturais** obteve 80,65%, de respostas que indicam que esta atividade é muito importante. Historicamente, a instituição Museu está vinculada à necessidade de identificação, classificação e cadastramento do acervo. Santos (1996, p.6), aponta a atividade de registro como sendo “[.] o momento supremo do museólogo, no sentido de se afirmar, demonstrando o conhecimento que adquiriu [...]”.

O **acondicionamento do acervo** foi considerado por 74,19% dos entrevistados como Muito Importante. Esta atividade está relacionada à conservação do suporte, ou seja, a integridade do acervo deve ser garantida a fim de disponibilizá-lo ao público (CABRAL, 2002).

A diversidade dos materiais que compõem os acervos dos museus, exigem cuidados em seu acondicionamento. Seu tratamento depende do tipo de suporte.

As atividades de **busca, registro, avaliação e difusão da informação**, foram apontadas por 66,67% dos entrevistados como Muito Importantes. De acordo com Bruno, estas funções podem ser entendidas como o “inventário dos bens patrimoniais (banco de dados/publicações/gerenciamento da Informação)” (BRUNO, 1995, p.104).

O **Planejamento e organização de exposições** foi considerado por 64,52% dos entrevistados como Muito Importante. Esta é a atividade mais visível no museu. Enquanto a Museologia preocupa-se com o contexto do acervo e as relações inerentes a ele, a Museografia, ou Museologia aplicada, segundo, Mensch (1990, p.58), “coloca em prática os princípios científicos com a ajuda de grande número de disciplinas auxiliares.”

O item **Restauração do Acervo** foi considerado como Muito Importante por 62,07% dos entrevistados. De acordo com Lord (1997, p.251) a restauração é uma:

intervenção até onde seja possível, ou até onde se deseja em um edifício ou objeto com a finalidade de lhe devolver uma condição ou aparência semelhante ao seu estado original, através da reparação, da renovação de partes, da reconstituição, do recondicionamento ou de qualquer outra intervenção. (4) (tradução nossa)

Giraudy e Bouilhet (1990, p. 49), afirmam ser a restauração uma tarefa de um corpo de especialistas, envolvendo “uma equipe científica completa de químicos, físicos, fotógrafos, microbiologistas, respalda os restauradores, propriamente ditos, que cuidam da saúde da obra.”

Com relação à **Montagem de Exposições**, 59,38% dos entrevistados a consideraram Muito Importante. Segundo Marandino (2005), o discurso expositivo deve observar processos relativos ao acervo, trazendo à tona a discussão do saber museológico como “[...] a relativo às reflexões do campo da museologia e diz respeito tanto ao trabalho de coleta, salvaguarda e documentação dos objetos, como organização da informação que será comunicada sobre os mesmos”.

As funções de **Administração, gerência e supervisão de atividades** foram consideradas como Muito Importantes por 58,06% dos entrevistados. O administrador das atividades museais, deve organizar e sistematizar as atividades burocráticas e o trabalho técnico científico. Trigueiros (1972, p.131), afirma que além dessas atribuições de administração, o diretor estabelece “[...] os contatos com órgãos semelhantes ou afins”, para troca de experiências e atividades como, exposições itinerantes, ou empréstimo de acervos.

O item **Coleta de acervos** foi apontado por 50,0% dos entrevistados como Muito Importante. Giraudy et al. (1990, p. 47) afirmam que:

Há alguns anos, os museus se conscientizaram da necessidade de adotar uma política de aquisição coerente e ordenar suas coleções não mais em função do gosto de determinado responsável, ou da raridade e preço de determinada obra, mas a partir de critérios científicos ou das necessidades de seu público. (GIRAUDY et al., 1990, p. 47).

De acordo com esta autora, a necessidade de uma política de aquisição, justifica-se pelo papel do museu na comunidade em que está inserido. Através de uma política de aquisição fundamentada na tipologia do museu, e nos seus objetivos evita-se o “colecionismo”. (5)

A **Prestação de serviços de consultoria ou assessoria** foi considerada como Muito Importante para 44,83% dos entrevistados. Esta atividade está relacionada ao atendimento de demandas de outras instituições. Com relação à participação em grupos de discussão, as respostas representam menos de 12,08%, e por esta razão não foram consideradas nesta análise.

Os livros foram citados por 26% como a principal **fonte de informação utilizada**. A seguir, foram citadas: as fontes primárias (6) com 22%, a Internet com 21%. Os periódicos científicos foram citados por 17%.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar o perfil do profissional atuante nos museus do Estado de Santa Catarina. É necessário pontuar que este estudo refere-se a um momento específico (2006). Neste sentido, seus resultados não podem ser generalizados.

As transformações ocorridas nas últimas décadas do século XX, com a popularização da Internet, levam à necessidade da atuação profissional ser repensada. Chagas (1996) e Corcovil (1993), apontam que o novo paradigma da sociedade da informação exige novas posturas dos profissionais que atuam em museus. Para estes autores, deve-se repensar as práticas profissionais frente à sociedade da informação. Associadas às práticas consideradas tradicionais, há uma exigência do domínio das tecnologias, e a compreensão da necessidade de aprender aprendendo, ou seja, o processo de educação deve ser contínuo.

Com relação à participação dos profissionais em grupos de discussão, o baixo número de respostas permite inferir uma quase inexistência de trocas de experiências profissionais, e discussões acerca da teoria museal.

A análise, das respostas permite afirmar que o perfil tipo do profissional que atua nos museus no Estado de Santa Catarina, está assim configurado:

- um profissional do sexo feminino;
- com idade entre 30 e 50 anos;
- graduado na área de Ciências Humanas.
- que trabalha há mais de dez em um Museu Histórico;
- considera como atividades mais importantes a avaliação da qualidade da informação do acervo e a identificação, classificação e cadastramento de bens culturais.
- e, por fim, considera os livros como a principal fonte de informação.

Conforme pode se constatar, o profissional que atua nos museus de Santa Catarina, executa atividades consideradas na literatura como tradicionais, tendo o foco de sua atuação centrado no objeto, e não nas relações que pode estabelecer conforme apontado por Guarnieri (1990). Neste sentido, é possível afirmar que este profissional não assumiu o “espírito da Mesa Redonda de Santiago do Chile.” Isto significa, no nosso entender, a necessidade do museólogo ser um profissional crítico, consciente, que interage com a comunidade na qual está inserido, que saiba detectar, gerenciar e responder aos problemas desta comunidade.

NOTAS

(1) Unidades de informação aqui são compreendidas, segundo Guinchat & Menou (1994, p.333), como sendo “[...]organismos especializados nas atividades de informação que privilegiam outras funções da cadeia documental, como a descrição de conteúdo dos documentos, a extração e o tratamento de dados e a difusão da informação. Estes organismos destinam-se a grupos particulares de usuários e têm denominações variadas como centros de documentação, centros de informação e bancos de dados.”

(2) Chauí (2003) define ciências humanas, como aquela que desenvolve um conjunto de atividades intelectuais (de forma sistematicamente organizada do pensamento objetivo) embasada num método científico buscando compreender os fenômenos sociais.

(3) Como educação continuada entendemos”[...]A educação que se dá no processo de formação constante, de aprender sempre, de aprender em serviço, juntando teoria e prática, refletindo sobre a própria experiência, ampliando-a com novas informações e relações. (MORAN, p.1,2000)

(4) Restauración: intervención hasta donde sea posible o hasta donde se deseé sobre un edificio o un objeto, con el fin de devolverle una condición o apariencia semejante a la de su estado original, a base de reparación, de renovación de partes, de reconstitución, de reacondicionamiento o de cualquier otra intervención. (LORD, 1997, p. 251)

(5) Entende-se por colecionismo a prática indiscriminada de coletar acervos. No capítulo Museus e Bibliotecas, foi discutida esta questão. Sobre o tema ver: Suano (1986), Menezes (1994) e Bruno (2000).

(6) Entende-se por fontes primárias: “[...] aquelas que produzidas por contemporâneos de um acontecimento, podem ser documentos escritos, artefatos, obras de arte, tudo que possa lançar alguma luz sobre aquele evento passado, ou sua época.”

REFERÊNCIAS

ABECIN. Ensino. Disponível em: <www.abecin.org.br>. Acesso em 18 de maio de 2008.

AFONSO, M. C. et al. Comunicação: a formação de profissionais de museus: o papel dos arqueólogos no processo curatorial. In: II Semana de Museus da Universidade de São Paulo, . São Paulo, 1999. **Anais...** São Paulo, 1999. p. 38-62.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2004.

BRASIL. Lei 7.287, de 18 de Dezembro de 1984. Dispõe sobre a profissão de museólogo e regulamenta seu exercício. Disponível em: <<http://www.cofen.org.br>>. Acesso em: 2 maio 2005.

BRUNO, M. **Musealização da arqueologia:** um estudo de modelos para o projeto Paranapanema. 1995. 382f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

BRUNO, M. **Museologia:** a luta pela perseguição ao abandono. 2000. 321f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

BUSSARELLO, R. **Dicionário básico latino-português.** Florianópolis: Do Autor, 1988.

CABRAL, M. Museu: pesquisa e documentação. In: Seminário sobre Museus-casa: pesquisa e documentação. n. 4, 2002, Rio de Janeiro.**Anais.** Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002, p. 9-10.

CALDEIRA, P. Museus. In: CAMPOLLO, B S. et al. **Formas e expressões do conhecimento:** uma introdução às fontes de informação. Belo Horizonte, UFMG, 1998. p. 393-398.

CARVALHO, K. O profissional da informação: o humano multifacetado. **Data Gramma Zero,** Rio de Janeiro, v. 3, n.5, out./2002. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>> Acesso em: 19 maio 2005.

CHAGAS, M. **Museália.** Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CHAUI, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2003.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COLLARES, C. A. L.; MOYSES, M. A. A.; GERALDI, J. W. Educação Continuada: a política da descontinuidade. **Educação & Sociedade**. v. 20, n. 68, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 23 set. 2006.

CORDOVIL, M. M. Novos Museus, novos perfis profissionais. **Cadernos de Museologia**, Lisboa, v.1, out./nov. 1993.p. 21-36.

CORRÊA, C. H. P. **História de Florianópolis**. Florianópolis: Insular, 2005.

CUNHA, M. V.; CRIVELLARI, H. M.T. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, M.L.P. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 39-54.

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positiva, 2004.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política**. São Paulo, USP, 1998.

GIRAUDY, D.; BOUILHET, H. **O Museu e a vida**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1990.

GONTIJO, S. **O livro de ouro da comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GUARNIERI, W. R. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e sua preservação. **Cadernos Museológicos**, São Paulo, v.1, n.3, p. 7-13, out. 1990.

GUINCHAT, C.; MENOU, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e da documentação**. Brasília: IBICT, 1994.

ICOM. **International Council of Museums**. Museu. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/icom.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2005.

JUNKES, L. **Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul**. Florianópolis: UFSC, 1982.

LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LORD. B.; LORD. G. D. **Manual de gestión de museos.** Barcelona: Ariel, 1997.

MACHADO. A. M. A. Cultura, ciência e política: olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil. In: FIGUEIREDO. B. G. (Org.) **Museus:** dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005. p.137-149.

MARANDINO. M. Museus de Ciência como espaços de educação. IN: FIGUEIREDO. B. G. (Org.) **Museus:** dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005. p.165-176

MENSCH. P. V. et al. Metodologia da museologia e treinamento profissional. **Cadernos Museológicos**, São Paulo, v.1, n.3, p.57-67, out., 1990.

MORAN. J. M. **O que é educação à distância.** Disponível em:
<<http://umbu.ied.dcc.ufmg.br>>. Acesso em: 3 abril 2007.

SANTA CATARINA. Fundação Catarinense de Cultura. **Guia de Museus de Santa Catarina**, Florianópolis: Ed. da Fundação Catarinense de Cultura, 2001.

SANTOS. M. C. T. M. O Papel dos museus na construção de uma identidade nacional. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, v.1, n.28, ago. 1996, p. 38-52.

SMIT, J. W. O Profissional da Informação e sua relação com as áreas de Biblioteconomia/Documentação, Arquivologia e Museologia. In: VALENTIM, M. P. (Org.) **O Profissional da Informação:** formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 119-134.

SUANO, M. **O que é museu.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

TRIGUEIROS. F. dos S. **Dinheiro no Museu.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultural, 1972.

UDESC. **Curso de especialização em museologia.** Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Disponível em: <<http://www.udesc.br/reitoria/proped>> Acesso em: 20 fev. 2006.

UFBA. **Faculdade de Ciências Humanas.** Graduação em Museologia. Disponível em:
<http://ffch.ufba.br/ffch_graduação> Acesso em: 30 jan. 2007.

UNIRIO. **Mestrado em museologia e patrimonologia.** Pós-Graduação. Disponível em:
<<http://www.unirio.br/museologia>> Acesso em: 25 fev. 2006.